

## LÍNGUA ESTRANGEIRA E SUBJETIVAÇÃO – UMA REESCRITA DE SI

*Angela Flexa Di Paolo  
Bruno Molina Turra*

*Amo a língua, realmente a amo como se fosse uma pessoa. Isso é importante, pois sem esse amor pessoal, por assim dizer, não funciona. Aprendi algumas línguas estrangeiras apenas para enriquecer a minha própria e porque há demasiadas coisas intraduzíveis, pensadas em sonhos, intuitivas, cujo verdadeiro significado só pode ser encontrado no som original.*

*João Guimarães Rosa*

*Ela tomou impulso e partiu realmente como uma flecha. De patins, deslizava pela rua dizendo palavras à medida que eu apontava para as coisas. Utcai, görkorcsolya, vízcsepp, medence, éjszakai, pizzéria, bár, galéria, kirakat, ruha, fotó, cukorka, dohány üzlet, Bizánci architektúra, Szecessziós íróasztal, klasszicista homlokzata, szobor, tér, függőhíd, folyó, moha zöld, lejtő, bejárat, kávé, ásványvíz, Kriska. Eu a seguia em passo rápido e um tanto ofegante. José Costa, agora Kósta Zsoze, foi con-vocado (AZEVEDO, 2005, p. 11) ao (em) húngaro.*

O livro *Budapeste*, de Chico Buarque de Holanda (2003) traz, em linhas bem gerais, a experiência do sujeito em uma outra língua, uma língua estrangeira. Sua leitura impõe, a cada leitor, uma narrativa própria de suas experiências com suas outras línguas. Inspirados pela experiência de nosso protagonista de que “a língua magiar não se aprende nos dicionários” e que, do mesmo modo, Budapeste não se aprende nos mapas, é possível interrogarmos: O que faz falar dessa experiência? Ou o que nos faz falar aqui, neste evento, de nossa experiência? Ou, ainda, o que há, na apreensão por uma outra língua, que nos faz falar?

Antes de nos enveredarmos por essas questões, uma outra as antecede logicamente e é por ela que iniciaremos nosso texto: Se há uma outra língua, o que faz com que uma língua seja **uma**?

Sigamos o caminho aberto por Milner (1987) ao discutir o conceito lacaniano de lalíngua:

A lalíngua é, pois, uma língua entre outras, enquanto que, ao se colocar, ela impede por incomensurabilidade a construção de uma classe de línguas que a inclui; sua figuração mais direta é a língua materna, da qual basta um pouco de observação para admitir que em qualquer hipótese é preciso uma torção bem forte para alinhá-la no lote comum. Mas é imediatamente qualquer língua, enquanto que todas são, por algum lado, uma dentre outras e, para algum ser falante, língua materna (MILNER, 1987, p. 15).

Se lalíngua “é uma língua entre outras” e “sua figuração mais direta é a língua materna”, podemos estabelecer, ainda que provisoriamente, que lalíngua faz fazer um. A “lalíngua dita materna, e não por nada dita assim” (LACAN, 1985, p. 188). Faz um também, se pensarmos o percurso traçado por Leite (1995) em que a língua materna é aquela na qual a mãe (o primeiro a encarnar o Outro) está interdita. Interdição, via instância paterna, que funda o sujeito na linguagem, atribuindo a ele uma filiação, uma língua materna.

É interessante o comentário que Haroldo de Campos (1989) faz a respeito de sua *transcrição* de *lalangue*. O autor prefere o termo lalíngua (e que adotamos em nosso texto) à alíngua, pois o prefixo a- da tradução habitual ao português sugere uma negação da língua (da mesma forma como afásico, apático) enquanto que em lalíngua temos a referência ao grego *laléo*, que “tem as acepções de ‘fala’, ‘loquacidade’” e ao latim *lallare*, verbo onomatopaico que significa “cantar para fazer dormir as crianças”, ou como estende Azevedo (2005, p. 7), “o blá-blá-blá, o sem-sentido da linguagem mãe-bebe”. A *transcrição* de Campos retorna, então, à articulação entre lalíngua e língua materna ao mesmo tempo em que desmonta, em certa medida, a hipótese de que esta faz um. Em certa medida (e ao mesmo tempo incomensurável), pois, “O Um encarnado na lalíngua é algo que resta indeciso entre o fonema, a palavra, a frase, mesmo todo o pensamento.”

Articulemos, então, o Um encarnado na lalíngua mais como da ordem da singularidade que da unidade. É essa singularidade, como diz Leite (1995), que faz perguntar “materna pra quem?”. E que, para Milner (1987), diz respeito à incomensurabilidade que impede a construção de uma classe de línguas em que lalíngua esteja incluída. Assim, se aceitarmos o percurso que vimos construindo, afastamo-nos da ideia de língua nacional (ou de qualquer divisão que se possa fazer dela: variante, regionalismo, idioleto etc.), ou seja, do que entendemos como o português, o húngaro, o italiano, o francês... para aproximarmo-nos da singularidade, ou daquilo de uma língua que “é a ocupação de cada um de nós” (LACAN, 1985, p. 188.), que toca, que con-voca o sujeito.

Lacan, *encore*: “A lalíngua nos afeta primeiro por tudo que ela comporta como efeitos que são afetos” (Lacan, 1985, p. 190).

Haroldo de Campos: IDIOMATERNO (CAMPOS, 1952 apud CAMPOS, 1989)

Tendo a lalíngua como dobradiça (AZEVEDO, 2005, p. 06), passamos (se passamos, afinal, escreve-se “numa só palavra” – LACAN, 1985, p. 188.) do idioma materno ao idioma terno.

Retornemos a Freud e reformulemos a pergunta: se imaginariamente chamamos as línguas de materna e estrangeira, o que de *unheimlich* – de maTERNO e de estrangeiro – essas línguas comportam? O próprio termo elegido por Freud não pode passar sem antes uma “nota do tradutor”. *Unheimliche*, que tem como raiz, segundo Hanns (1996, p. 233), a forma do médio-alemão *heim* que significa *casa*, traz em seu uso tanto a conotação de proximidade, familiaridade quanto a de oculto, estranho. Freud, na elaboração teórica de *Unheimliche* detém-se sobre a formulação de Schelling

“*según la cual lo ominoso es algo que, destinado a permanecer en lo oculto, ha salido a la luz [no deliberadamente – agrega Freud]*” (FREUD, 1919/2007, p. 241).

Nesse sentido, cremos ser possível pensar o estranho freudiano em sua relação com a língua no que ela traz de equívoco, ou na dimensão do duplo sentido que instaura o registro do Simbólico e que se diz no próprio significante *unheimliche*. Se temos no Real o não sentido e no Imaginário o um sentido, o Simbólico se instaura como lugar do duplo sentido, o lugar do equívoco. Há sempre algo no que dizemos que é dito em excesso, *que ha salido a la luz*, o que nos remonta ao aforisma lacaniano de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem.

Chegamos assim à lalíngua, a relação entre linguagem e inconsciente: “o inconsciente é um saber, um saber-fazer com a lalíngua. E o que se sabe fazer com a lalíngua ultrapassa de muito o que podemos dar conta a título de linguagem” (LACAN, 1985, p. 190). É então de um saber-fazer, de um *savoir-faire* (como nos cai melhor aos ouvidos), que se trata quando pensamos a relação do sujeito com a língua. Nas palavras de nosso protagonista, a frase lacaniana poderia ser assim interpretada: “Para esquecer aquelas palavras, talvez fosse necessário esquecer a própria língua em que foram ditas, como nos mudamos da casa que nos lembra um morto”. O que se sabe (ou o que não se quer saber) está invariavelmente articulado à língua, talvez seja essa a *inquiétante étrangeté* (mais uma possibilidade de *Unheimliche*) que nos faz falar quando somos convocados em uma língua outra-mesma-materna-estrangeira.

Uma convocação que se dá, como sugere Revuz (1998), no real do corpo: o rearranjo da articulação fonética, os novos sons... o “r” gutural francês, o fricativo “th” em inglês, as vogais nasais em português... um *savoir-faire* que marca o acento estrangeiro ou o assento do estrangeiro em uma língua; se dá também em uma dimensão imaginária: “nariz é feminino em espanhol!” ou “em inglês eu digo que *sou* tantos anos

velho e não que *tenho* tantos anos!”), revelando as diferentes maneiras com que o simbólico recorta o real, impondo ao sujeito uma nova escrita de si, (de)formada pelas singularidades de cada língua, uma possibilidade de se tornar, um pouco, outro.

Ao trazermos de volta nossas questões iniciais – O que faz falar da experiência na língua? Ou o que nos faz falar aqui, neste evento, de nossa experiência? Ou, ainda, o que há, na apreensão por uma língua, que nos faz falar? – é possível indagar, ainda, o que (se) passa com o sujeito quando uma outra língua o atravessa? Quando uma língua estrangeira o convoca a uma nova escrita, a uma reescrita de si?

A apreensão por uma língua nos remete a algumas preciosas contribuições de Giancarlo Ricci (2005) em seu livro *As cidades de Freud*. Para ele, “somos exilados desde o momento em que nascemos. [...]. As cidades, visitá-las, explorá-las, conhecê-las, habitá-las – nada mais são que os nós de um fio sutil com o qual tentamos tecer o destino e arriscar” (p. 34-35). Será possível afirmar, a partir da experiência de José Costa em terras estrangeiras, que se aventurar em outra língua seria algo como um ato analítico? Entendendo-o como aquilo que propõe Lacan (1969): “o ato (puro e simples) tem lugar por um dizer, e pelo qual modifica o sujeito. Andar só é ato desde que não diga apenas ‘anda-se’, ou mesmo ‘andemos’, mas faça com que ‘cheguei’ se verifique nele (p. 371).

Lacan (1969) indica que há um saber em jogo nessa passagem – ao ato – que implica o sujeito em um outro lugar. E porque não dizermos: em uma outra língua, em uma outra escrita? O que há, na apreensão de uma língua, que nos faz falar “não passa de uma antecipação suspeita do encontro que existe realmente, mas no qual a fala só advém pelo fato de que o ato já estava lá. Entenda-se: estava lá um pouco mais, ainda que ela não tivesse chegado, estava lá no instante em que ela enfim chega” (LACAN, 1969, p. 378). A fala, portanto, seria aquilo que vem ocupar o lugar dessa antecipação

inaugurada com o ato, que já nos falara Freud (1913) no final de seu ensaio *Totem e tabu* ao retomar as palavras de Goethe: “*Im Anfang war die Tat*” - no princípio era o ato.

E se podemos falar de uma apreensão pelo sujeito de uma língua, é porque no princípio houve um ato – inaugural, fundante. Daí entendermos a aventura de nosso protagonista como uma possibilidade de reescrita de si, que (o) implica não somente (em) solos estrangeiros, mas uma marca no simbólico, em seu nome próprio: não mais sendo chamado de José Costa, mas de Kósta Zsoze. A marca singular de uma língua que lhe permite escutar-se, inscrever-se e, de certa maneira, (re)escrever-se outro. José Costa aceita, assim, a convocação de uma nova língua.

E como toda aventura, há que se ter um ponto de partida, uma forma de aportar em outros lugares, passar por pontes novas, fazer travessias, atravessar fronteiras que, muitas vezes, não só apontam, mas exigem um trabalho psíquico. Mas o ponto de chegada é sempre imprevisto. O ato final pode estar aberto a novas significações. Cada um tem um mapa próprio, uma maneira particular de se apropriar de um idioma, de se relacionar com quem o ensina, de se posicionar em uma nova língua e, sobretudo, de tornar-se outro. Por todo o trabalho subjetivo que isso implica, chegamos ao nosso fim / ponto de chegada com uma certeza, a de que *devia ser proibido debochar de quem se aventura em língua estrangeira*.

## **BIBLIOGRAFIA**

AZEVEDO, A. V. A curtamão da lalíngua: um ponto de encontro entre Lacan e Guimarães Rosa In: **Pulsional** – revista de psicanálise. Ano XVIII, nº 134, dezembro de 2005, p. 5-15.

CAMPOS, H. de. (1989). **O afreudisiaco na galáxia de lalíngua** (Freud, Lacan e a escritura). Disponível em <http://hdl.handle.net/10437/42>. Acesso em 20/03/2011.

FREUD, S. Tótem y tabu (1913). In: **Obras Completas**, vol 12. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2007.

FREUD, S. Lo ominoso (1919). In: **Obras completas**, vol 17. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2007.

HANNS, L. A. **Dicionário comentado do alemão de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HOLANDA, C. B. **Budapeste**. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

LACAN, J. (1969). O ato psicanalítico In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LACAN, J. (1972-73). **O Seminário, livro 20**: mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

LEITE, N. V. O que é língua materna? In: **Anais do IV Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada**. Campinas, 1995.

MILNER, J-C. **O amor da língua**; Trad. Angela Cristina Jesuíno. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Lingua(gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

RICCI, G. **As cidades de Freud**: itinerários, emblemas e horizontes de um viajante. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

### **SOBRE OS AUTORES:**

**Angela Flexa Di Paolo** é graduada em Psicologia pela UFPA, mestre e doutoranda em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela USP. Pesquisadora na área de infância e psicanálise. Membro do Studio Freudiano de São Paulo.

**Bruno Molina Turra** é professor de português para estrangeiros, graduado em Letras pela UFSCar e mestre em Letras pela USP. Pesquisador na área de ensino/aprendizagem de língua estrangeira e psicanálise. Membro do Studio Freudiano de São Paulo.